

Juana Inés de la Cruz traduzida ao português: sonetos em tradução comentada

VICTÓRIA LUNARDI BAUKEN¹; NATHALY SILVA NALERIO GOMES²;
ANDREA CRISTIANE KAHMANN³

¹Universidade Federal de Pelotas – victoriabauken18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nsnalerio@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ackahmann@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo mostrar o processo que envolve a tradução de poesia, bem como os problemas com os quais nos deparamos durante o fazer tradutório e as soluções encontradas para resolvê-los. O trabalho é parte do grupo de pesquisa de tradução de poesia coordenado pela Prof^a Dr^a Andrea Cristiane Kahmann, do curso de Letras Tradução Espanhol/Português da Universidade Federal de Pelotas, intitulado “Antologia da poesia traduzida da língua espanhola: experiência, manipulação ou farra mefistofáustica”.

Apresentaremos, neste trabalho, dois sonetos em tradução para o português brasileiro escritos pela mexicana Juana Inés de la Cruz (1648 – 1695), poetisa, dramaturga e religiosa católica, testemunha de uma época em que a sociedade incubia à mulher a tarefa de cuidar dos filhos, arranjar um bom casamento, bordar, cozinhar, costurar e dedicar-se à religião. Autodidata, Juana Inés demonstrou, desde a infância, aptidão para os estudos e para a escrita, inclusive a literária. Desde pequena, conheceu, também, os preconceitos da sociedade *criolla*. E, justamente por isto: por ter sido forçada a vestir hábito para poder seguir estudando, pela censura a seus escritos, por questionar o papel da mulher na sociedade e por desafiar o *establishment* da sociedade *criolla* e o alto escalão da Igreja em uma época em que a instituição não reconhecia a intelectualidade das mulheres, disso é que provém a nossa pulsão tradutória, o nosso ímpeto de traduzir os versos de mulheres como Juana Inés de la Cruz.

2. METODOLOGIA

Este trabalho propõe a tradução comentada de dois sonetos de Juana Inés de la Cruz para o português brasileiro e, neste interregno, apresenta reflexões sobre o processo tradutório. Nesses termos, pode-se dizer, far-se-á a reflexão da tradução seja como processo (o percurso da tarefa tradutória) e como produto (o texto traduzido dele resultante). Como arcabouço norteador dessas reflexões sobre o fazer tradutório diante do desafio de transpor, de uma língua a outra, versos com o complicador da forma fixa, recorreremos a Álvaro Faleiros e à teoria da transcrição de Haroldo de Campos.

Campos percebe a tradução como criação e como crítica. Partindo dos dizeres de Roman Jakobson sobre a poesia ser intraduzível e apenas ser possível a sua transposição criativa, Campos propõe que se faça a recriação dos textos criativos, pois, segundo refere:

[...] admitida a impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos. Teremos, como quer Bense, em outra

língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomórficos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema (CAMPOS, 2015: 4).

Portanto, para ele, traduzir o texto criativo é necessariamente recriar e “quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação” (CAMPOS, 2015: 5). Assim também pensamos nós. Com o teórico, opinamos que: “Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma” (CAMPOS, 2015: 5).

Assim, o que se tem como resultado é que, quanto maior a dificuldade imposta pelo texto, mais recriável ele se torna e mais criatividade se exige do tradutor, que terá de pensar em novas formas de dizer o que o autor do original disse, e terá de recriar os duplos sentidos, os silêncios e as metáforas comuns nesse tipo de texto, bem como a musicalidade metrorrítmica presente nos poemas. Nos sonetos apresentados, como em muitos versos, a métrica e as rimas são partes da construção feita pelo autor do original e, portanto, são tão importantes quanto o conteúdo semântico. Pensando nisso, seguimos como processo tradutório padrão a tradução semântica dos sonetos de Juana Inés de la Cruz, e, após, com apoio em Faleiros e sobretudo em Campos, buscamos recriar na tradução a musicalidade presente no original por meio das rimas e das sílabas poéticas, efeitos importantes para a constituição do “tom” da obra original de Juana Inés, e estabelecemos como o principal norteador do nosso projeto tradutório a manutenção da métrica no texto-meta.

Portanto, há de se levar em conta que as transformações que ocorrem na tradução de um texto criativo são necessárias para o fazer tradutório e, mais que isso, são inevitáveis se pensarmos em resgate de informação estética e tom da obra original. Para isso, nos apoiamos em Álvaro Faleiros que diz que a “Transformação efetuada no ato de traduzir é, pois, inevitável e deve ser compreendida como uma reescrita produtiva que se dá em relação aos aspectos semânticos e também aos aspectos sintáticos, ou seja, linguístico-estruturais”. (FALEIROS, 2012: 97).

Em suma, se fizéssemos uma tradução palavra-por-palavra de um poema, ou seja, uma tradução por simples equivalentes semânticos, o resultado seria um texto que nada tem a ver com a obra imaginada pelo autor do original. Afinal, para produzir um soneto em 12 sílabas poéticas, supomos que Juana Inés de la Cruz teve de descartar uma série de ideias e palavras no seu fazer poético, por não caberem na métrica de um soneto com versos alexandrinos, por exemplo. Assim, nos apoiamos mais uma vez em Faleiros, quem, ao trabalhar as ideias de Paulo Henriques Britto, diz que:

Britto esclarece, no início, que se trata de estabelecer “correspondências” e não “equivalências”. Segundo o autor, a tradução de um poema não pode ser “em nenhum sentido estrito do termo” de fato *equivalente* ao texto de partida, pois “o máximo que se pode exigir de um poema traduzido é que ele capte algumas das características reconhecidas como importantes do poema original”; características que permitam que ele seja lido como um poema na língua-cultura de chegada (FALEIROS, 2012: 107).

Quando pensamos em tradução como recriação, à vista disso, nos atentamos ao fato de que, ao traduzir uma poesia, estamos recriando algo que tem uma essência do original, mas que tem diferenças como consequência dos

problemas tradutórios enfrentados para que o texto possua suas características essenciais, como rima, métrica e a contagem correta de sílabas poéticas.

Assim, os teóricos brasileiros citados aproximam-se dos postulados do francês Antoine Berman, para quem traduzir é necessariamente teorizar, ou seja, a partir do momento em que começamos a traduzir já estamos teorizando sobre tradução, os métodos e as soluções tradutórias. A teoria não necessariamente permeia a tradução e a determina, porém, com base em leituras teóricas o tradutor consegue embasamento para saber de que maneira sua tradução pode ser feita, apoiando-se em teorias que sustentam o seu projeto tradutório.

Ao traduzirmos e comentarmos nossa própria tradução, estaremos, portanto, discutindo a tradução como processo bem como as recriações realizadas no texto para se chegar ao resultado final: o texto traduzido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados do trabalho, temos a tradução (processo e produto, reflexão e ação), permeada por discussões em torno do processo tradutório e as soluções tradutórias encontradas. Assim, e norteadas pelos teóricos da tradução supra mencionados, a discussão será construída a partir do resultado da tradução, acrescido de comentários. Além da tradução como resultado, temos como foco a valorização do tradutor e o ato (político também) de conferir visibilidade à tradução como ato autoral e recriativo.

4. CONCLUSÕES

Ao traduzirmos Juana Inés de la Cruz, inovamos ao apresentar ao sistema literário brasileiro duas propostas inéditas de tradução para estes sonetos e, assim, trazer à tona o labor poético da poetisa mexicana, conferindo-lhe o merecido valor. Afinal, embora recriminada no século XVII pelo simples fato de ter sido uma mulher que poetizava e que queria ir além dos papéis impostos às mulheres de sua época, Juana Inés nos legou uma poesia plena de imagens e músicas, com temas e sonoridades ainda aptas a produzir deleite e reflexão neste século XXI. Ademais, refletindo sobre a tradução e o fazer tradutório, estamos conferindo visibilidade à nossa profissão e área de conhecimento, tão complexa e tão pouco valorizada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

FALEIROS, A. **Traduzir o poema**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2012 – (Coleção estudos literários)

CAMPOS, H. **Transcrição** / organização Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega – São Paulo: Perspectiva, 2015. 256 p.

Documentos eletrônicos

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Online. Acessada dia 09/09/18. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/portales/sor_juana_ines_de_la_cruz/

Medium. Online. Acessada dia 09/09/18. Disponível em: <https://medium.com/@vanessa.prateano/juana-in%C3%AAs-a-s%C3%A9rie->



[escondida-da-netflix-sobre-a-primeira-feminista-da-am%C3%A9rica-que-voc%C3%AA-precisa-85fc0ffe4285](http://valkirias.com.br/nao-ha-prisao-para-a-alma-a-historia-de-sor-juana-ines-de-la-cruz/)

Valkirias. Online. Acessada dia 09/09/18. Disponível em:
<http://valkirias.com.br/nao-ha-prisao-para-a-alma-a-historia-de-sor-juana-ines-de-la-cruz/>